

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

PROPRIETARIO E DIRECTOR

LISBOA

REDACOR PRINCIPAL E EDITOR

Michel'angelo Lambertini

29, Rua das Gaveas, 31

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Victor Mahillon — Compositores dos Estados Unidos — Concertos — Escola de Musica de Camara — Carta de Alcobaça — Carlos Dubini — Noticiario — Bibliographia — Necrologia — Expediente.

VICTOR MAHILLON

Cabe hoje a vez ao paciente colleccionador de instrumentos e doutissimo theorico musical, que se chama Victor Mahillon.

Quando um dia me dei a rabiscar sobre musica portugueza apontamentos que elle em tempos me pedira para os seus estudos, entestei o voluminho com o nome d'elle, porque era principalmente a elle que o meu trabalho se destinava. De facto indo por tres vezes a Bruxellas quasi exclusivamente para admirar o magnifico Museu instrumental que julgo um dos primeiros, senão o primeiro do mundo (não conheço o South Kensington, senão pelo catalogo) notei, a respeito de Portugal e de instrumentos portuguezes, certos anachronismos que me fizeram vagamente estremecer.

E diga-se de passagem que quem arriscar dois passos para lá da fronteira nunca será de todo extranho a este genero de estremecimentos!

Assim, para não citar senão tres exemplos, um guitarreiro da ilha da Madeira imaginou um dia fazer um bandolim, o que é naturalissimo, quiz dar-lhe a forma de um peixe, o que já é menos natural e por fim teve a ideia, perfeitamente dispensavel, de o

mandar sem mais cerimonia para o museu de Bruxellas. Como corollario facil de prever, toda a gente na Belgica se convenceu que Portugal, paiz piscatorio por excellencia, se comprasia em symbolisar a sua industria dilecta nos... bandolins.

Um outro fabricante, igualmente intelligente, quiz fazer cousa que desse brado e que não sómente lhe

immortalisasse o nome, mas que produzisse uma completa revolução na industria instrumental. O genio tem d'estes vãos! Suppoz portanto o bom do homemsinho que adaptando a um pé de mesa, dos que vulgarmente se chamam *pé de gallo*, uma grande bandurra, com muitas cordas e muitas cravelhas, quanto mais melhor, poderia fazer trabalho de polpa, honrar a patria e honrar-se a si proprio — dando ao mesmo tempo ás gentes flamengas uma noção bem nitida da simpleza de processos que dis-

tingue a fabricação dos nossos instrumentos nacionaes.

Bom é que se saiba que o mafarrico quando chegou a encordoar o mirabolante instrumento, começou a metter os pés pelas mãos, acavallando umas cordas sobre as outras e mostrando á saciedade que estava completamente desnorreado com a propria invenção.

E o peor é que, vendo que a tal *machina* era um quebra cabeças para aquella gente e para mim proprio, me resolvi a escrever



ao genial inventor successivas cartas em que a tonalidade foi subindo gradualmente do agri-doce até á invectiva bruta, sem outro resultado alem de um silencio vergonhoso e charro.

Como terceiro e concludente exemplo, basta dizer-lhes que a guitarra portugueza, que é tão nossa, que é *só nossa*, foi irreverenciosamente baptisada de guitarra de Flandres, porque... já advinharam?... porque o modelo que lá havia era de pinho de Flandres.

Foi em presença d'estas barbaridades e dos esforços sobrehumanos que o pobre Mahillon, como estudioso infatigavel e como director do Museu, está constantemente fazendo para se entender no meio d'uma tal barafunda, que me resolvi a facilitar-lhe a empreza, no que respeitava ao nosso paiz e lhe escrevi o opusculoso *Chansons et Instruments*, sem pretensões a pousar em doutrinadôr, mas com a esperança vaga de confundir por uma vez os fabricantes de *peixes musicaes*, de *guitarras de columna* e de quejandos disparates.

Victor Mahillon merece de resto que nos occupemos um pouco d'elle. É um sabio e um sabio bom.

Os seus trabalhos sobre acustica e sobre organographia musical são modelos que toda a gente consulta com indiscutivel proveito e onde se colhe, em cada pagina, uma lição inesquecivel. Os seus *Elementos de acustica musical e instrumental* são, no dizer de Arthur Pougin, um dos melhores livros que existem sobre a materia, havendo poucos que se lhe comparem no tocante á claresa, á precisão e á elegancia litteraria com que todas as arduas theorias da acustica ali são expostas.

Para o estudo historico e technico dos instrumentos musicos, o melhor repositório que conheço é o seu bello catalogo do Museu instrumental de Bruxellas, que contém até ao presente a minuciosa descripção dos 2055 objectos que constituem a riqueza do museu. Posso avançar mesmo que é o melhor dictionario instrumental que se tem publicado, dada a competencia rara do seu auctor em materia de acustica e de historia musical e dada egualmente a circumstancia especial de ser elaborado com os proprios instrumentos á vista.

Publicou ainda um folheto sobre o *Materiel sonore des orchestres*, outro com o titulo de *Guide pour l'accord des instruments a pistons* e duas interessantes *Tabellas synopticas*, em que são curiosamente compendiadas as theorias que regem a formação e successão dos accordes, a extensão e o emprego das vozes e instrumentos, etc.

Os seus sessenta annos *bien sonnés* (nasceu em 10 de março de 1841), não o impedem de trabalhar sempre activamente, quer na gerencia da sua importante fabrica de instrumentos e editoria musical, quer no proseguimento dos seus estudos predilectos, quer na conservação das peças de museu que estão confiadas á sua intelligente guarda.

A sua vida tem sido de uma constante devoção á arte da musica. Foi dirigido nos seus primeiros estudos artisticos por Bosselet, De Swert, Humblet, Bender e Golle; começando desde novo a adquirir profundos conhecimentos praticos e theoreticos na especialidade que hoje tanto o notabilisa.

Em 1865 associou-se com seu pae na importante manufactura de instrumentos de vento, que este estabelecera em Bruxellas, e que é uma das mais importantes, de toda a Belgica, no seu genero.

Quatro annos depois fundava Victor Mahillon um jornalsinho de musica, *L'echo musical*, cuja collecção completa me ufano de possuir e onde elle firmou durante 16 annos innumerados artigos do mais elevado interesse para a historia da arte musical, para a acustica e para o estudo de toda a parte scientifica da musica; fallou-se muito até de um memoravel artiguinho de despedida em que V. Mahillon, desilludido e convencido da inutilidade dos seus esforços, stygmatisava em termos espirituosos e profundamente verdadeiros, o abandono a que os artistas votam geralmente o jornal d'arte, a que só ligam importancia no dado momento em que d'elles trate em termos do mais requintado elogio.

Foi em 1876 que o nomearam conservador do Museu de Bruxellas, que não tinha mais que os 78 instrumentos da collecção Fetis. Este pequeno nucleo de peças foi desde logo consideravelmente augmentado pelo proprio Mahillon, cuja riquissima collecção particular passou *de mão beijada* para o Conservatorio. A somma de actividade e o amoroso disvello que o benemerito conservador tem posto ao serviço do engrandecimento do Museu só se avaliam bem com uma demorada visita ou com um minucioso exame dos tres volumes do catalogo a que acima me referi.

É o mais curioso é que Victor Mahillon, com um senso pratico que não é nada vulgar em homens de sciencia, não descançou emquanto não fez ouvir publicamente alguns dos seus velhos instrumentos. E conseguiu que, em concertos organisados *ad hoc* tivessem os *cromornes* e não sei que outros instrumentos de vetustas epochas, um triumpho a que já de ha muito estavam deshabitados.

Muito teria que dizer da obra de ensino e de propaganda que a Belgica musical deve a este sympathico vulto; muito teria tambem que dizer de um dos caracteres mais nobremente altruistas que tenho conhecido. Mas se elle passar a vista por estas desataviadas notas, ha-de suppôr que disse demais...

LAMBERTINI.



COMPOSITORES DOS ESTADOS UNIDOS

O meu prestimoso e bom amigo, sr. M. Lambertini, teimou em que eu havia de *abrilhantar* as paginas da sua «Arte Musical» com algum escripto da minha *bem aparada* penna. Tive de me render e, deixada a natureza do assumpto á minha *acertada* escolha, occorreu-me que pouquissimo se falla entre nós da musica nos Estados Unidos e poucos sabem que esta extraordinaria nação, a par do seu rapidissimo augmento de população, do seu pasmoso desenvolvimento industrial, agricola e commercial, do admiravel progredimento da sua instrucção publica, da formação dos seus *trusts* collosaes¹, tem um correspondente movimento na pintura, na architectura e na musica. Pareceu-me por esta razão algum tanto interessante dar uma idéa dos modernos compositores americanos, posto que não se possa ainda fallar propriamente d'uma musica ou escola americana, como já se pôde discorrer a respeito d'uma architectura *yankee*.² Indícios, ha todavia, patentes de que aquella virá a ser uma realidade n'um futuro mais ou menos proximo.

Os Estados Unidos são ainda muito novos e, na formação d'uma individualidade nacional, do mesmo modo que na formação d'uma individualidade pessoal, ha sempre um periodo, geralmente longo, de aprendizagem e imitação. Assim aconteceu, por exemplo, com Raphael em relação a Perugino, com Beethoven a respeito de Haydn, com Stevenson relativamente a Walter Scott; a Grecia fez a sua aprendizagem com o Egypto e com a Asia occidental, Roma com Athenas, a Italia medieval com Bysancio, a Allemanha e a França com a

Italia. Do mesmo modo, a musica nos Estados Unidos estão ainda sob a influencia da Allemanha, principalmente.

A grande nação americana é um mixto de elementos cosmopolitas, heterogeneos até, em processo de fusão. Alguns cristaes já formados apresentam uma notavel differenciação. Mas, para que uma nova linguagem ou arte se produza são necessarios seculos de meio diferenciado (condições de existencia, sollicitações predominantes para uma determinada forma de actividade, urgencia d'essas sollicitações, etc.). Não admira então que a musica americana tenha sido até ao presente pouco mais do que a applicação mais ou menos feliz dos methodos e processos europeus. Além de que a differenciação só pôde provir da completa cristallização dos elementos cosmopolitas, por isso que lhe falta o elemento fundamental autochtono.

E' certo, porém, que têm sido feitas valiosissimas e interessantes tentativas com as canções populares dos negros da America do Norte (todavia não autochtonos). D'estas tentativas resultaram já tres obras d'arte de alta importancia: a symphonia «Aus dem neue Welt», de Dvorak, e os seus quarteto e quinteto com melodias dos negros.

Os yankees são principalmente de descendencia britannica e, se a esplendida litteratura ingleza permittiu que elles tenham já um Edgar Poe, um Hawthorne, um Emerson, um Whitman, a indole pouco musical da Inglaterra tem contrariado, de algum modo, as tendencias musicaes dos outros elementos americanos.

E' todavia indubitavel que a America do Norte tem já produzido compositores de alto valor. Mas, antes de mais nada, consinta-me o benevolo leitor que eu interrompa por alguns momentos o prazer que lhe estão causando estas bem traçadas regras. Tenho que fazer uma observação tão util quão indispensavel, comquanto eu haja receio de lhe fazer esfriar a admiração pela minha vasta erudição.

E' certissimo que D. Quixote não morreu. A gente vê-o por ahi todos os dias, mais multiforme do que Protheu. Tenho um medo pavoroso do eterno Cavalleiro da Triste Figura, e por isso declaro aqui, gritando alto e bom som, que não tenho quaesquer pretensões a ser segunda edição de Christóvão Colombo. Esta alampada, com a sua brilhante luz projectada sobre os compositores *yankees*, não é mais do que mera compilação de bastante leitura de composições musicaes, livros e periodicos da especialidade.

¹ Recommendo muito o recente livro de Boutmy: *Psychologie du peuple américain*, obra escripta com muita penetração e grande conhecimento de causa.

² São exemplos notaveis o templo dos mormões em Salt Lake City, capital do estado de Utah e o orgão do mesmo templo. Podem ver-se as estampas respectivas na *Zeitschrift für Instrumentenbau*, pag. 82 e 83 do anno corrente (23.º da publicação).

Feita esta cathogorica declaração, condição necessaria e sufficiente, como se diz em mathematica, para um juizo equitativo ácerca d'estas notas, voltemos á America e comecemos por

Eduardo Alexandre Mac-Dowell. — Este compositor, que o consenso quasi unanime aponta como primacial, nasceu em Nova-York aos 18 de Novembro de 1861. Principiou o estudo do piano em tenros annos, contando entre os seus professores a celebre pianista Thereza Carreño a quem dedicou o seu segundo concerto.

Em 1876 entrou no conservatorio de Paris onde estudou theoria com Savard e piano com Marmontel. Foi para Wiesbaden, em 1879, estudou com Ehlert e depois para Frankfort onde Heyman lhe ensinou piano e Raff composição. Por influencia d'este prolifico compositor, foi nomeado professor de piano no conservatorio de Darmstadt, em 1881.

No anno seguinte, Raff apresentou-o a Liszt, dando-lhe este a honra de executar a sua primeira *Suite* para piano perante a respeitavel Sociedade dos musicos allemães (*Allgemeiner Deutscher Musikverein*) que lhe fez enthusiastico acolhimento.

Depois de residir algum tempo em Wiesbaden, foi em 1888 para Boston onde rapidamente adquiriu brilhante e influente posição.

Mac-Dowell é, desde 1896, professor de musica na «Colombia University.» (Os Estados-Unidos seguem as idéas dos allemães, instituindo cathedras de ensino musical nas suas principaes universidades. Vê-se que estão muito atrazados.)

Mac-Dowell tem já um numero consideravel de composições em todos os generos. Naturalmente, como pianista que é, escreveu muito para piano: numerosas peças characteristics, longas *Suites* e duas grandes Sonatas, a «Pathetica» e a «Tragica». Tem composto peças de canto, quatro poemas symphonicos para orchestra, varias *ouvertures*, etc. Os seus dois concertos de piano tem sido executados por alguns pianistas, entre outros pela famosa Thereza Carreño.

Mas as cousas boas devem ser saboreadas ás doses. Por isso ficaremos hoje por aqui e... *la suite au prochain numéro.*

B. V. MOREIRA DE SÁ.

CONCERTOS

A inauguração da epoca de concertos no *Orpheon Portuense* teve logar em 15 do cor-

rente com a collaboração do barytono brasileiro Corbiniano Villaça.

A peça capital do programma era o quinteto de Beethoven, com instrumentos de sopro, confiado aos srs. Benjamim Gouveia (*piano*), Augusto Loureiro (*oboé*), Joaquim Peixoto (*clarinete*), Manoel da Silva (*trompa*) e Eugenio Rodrigues (*fagote*).

Corbiniano Villaça cantou uma aria do *Ben Hamet*, uma romanza do *Roi de Lahore*, a *Reine Mab* de Gounod e para fechar o concerto a aria da *Herodiade*.

Moreira de Sá o incansavel organisador do concerto e illustre violinista de que o nosso paiz se pode a justo titulo orgulhar collaborou tambem no concerto com a segunda *Czarda* de Hubay, uma *Berceuse* de Oswald e a *Masurka* de Zarzicky.

*

Na noite de 19, dava ainda o sympathico artista brasileiro uma audiçãõ nos salões da casa Moreira de Sá.

No programma, finamente escolhido e superiormente executado, figurava tambem o notavel professor portuense e sua filha D. Leonilda, a gentil pianista que todo o Porto musical tão merecidamente admira.

*

Com um variadissimo programma fez o seu concerto a 22 do corrente, o tenor portuguez Gaspar Nascimento.

Não nos cabe na estreiteza do espaço analysar as qualidades que distinguem este artista, cuja voz nos produziu por vezes a mais viva admiração. Tem esta voz uma grande sonoridade nos registros medio e agudo, peccando ás vezes na afinação, que é tomada em certos momentos demasiado alto, defeito talvez occasional que outras audições nos fariam esquecer.

Nascimento mostrou um grande eclectismo na escolha das obras que constituíam a sua apresentação e em nenhuma d'ellas se mostrou inferior á outra; abordou portanto os mais variados generos, o dramatico no *Salvator Rosa*, o gracioso na serenata dos *Pagliacci*, o sentimental no *Pescatore di Coralli*, o pastoril n'uma canção de Vianna da Motta, o religioso na aria de Stradella e até o *flamenco* em uma conhecida canção de Alvarez. E teve ainda no programma a siciliana da *Cavalleria Rusticana* e a ballada do *Rigoletto*, cuja factura em nada se assemelha ás outras producções apresentadas.

Foram *partenaires* do illustre tenor, os srs. Hernani Torres, José Henrique dos Santos, Julio Cardona, Moraes Palmeiro e Wenceslau Pinto, cujos creditos já estão estabelecidos e que em nada os desmereceram.

*

O Atheneu Commercial do Porto offereceu na mesma noite aos seus associados um bello concerto, em que tomaram parte as sr.^{as} D. Laura Leite e D. Leonilda Moreira de Sá e os srs. Bernardo Moreira de Sá, Effisio Anedda, Francisco Roncagli e Corbiniano Villaça.

*

No domingo 23 despedia-se Corbiniano Villaça do publico portuense em uma matinee que teve logar á 1 e meia da tarde no Palacio de Crystal, e em que foi coadjuvado por outros dois cantores e por um sexteto de artistas do Porto.

O joven cantor brasileiro acha-se actualmente entre nós e projecta dar aqui um concerto.

*

Dois magnificos concertos se preparam para 29 e 30, com os illustres artistas Casals e Bauer.

Já demos o programma do primeiro e sentimos que o jornal já deva estar a 29 na machina, impedindo-nos assim de dar no presente numero a apreciação de tão interessantes audições.

Será para o proximo numero.



ESCOLA DE MUSICA DE CAMARA

Recomeçaram activamente os trabalhos d'esta benemerita instituição de propaganda e muito brevemente se ouvirá o primeiro concerto, que motivo de força maior, a doença de um dos executantes, impediu de realisar-se em Novembro, como fora primeiramente annunciado.

O programma escolhido para esta primeira audição mostra bem claramente que a orientação da Escola se mantem a mesma da epoca passada; effectivamente a maneira lisongeira como foram reconhecidos os sinceros e desinteressados esforços d'este grupo, a generosidade com que (salvo pequenas excepções que não contam) lhe foram relevadas as faltas inherentes a toda a iniciativa d'esta indole, eram sobejos incitamentos para se continuar na mesma ordem de ideias e não alterar em cousa alguma o projecto anteriormente traçado.

O progresso está portanto em alargar o ambito dos trabalhos, conciliar elementos valiosos que augmentem o interesse e a variedade dos concertos, constituir novos grupos de quarteto e finalmente obter o appoio moral e material de mestres consagrados;

é n'esse sentido que os fundadores da Escola trabalham denodadamente e n'esse sentido já tem obtido um valioso avanço com o advento de um novo quarteto, com a promessa de alguns notaveis amadores e artistas de tomarem parte nos concertos da presente epoca e com o concurso inestimavel de alguns artistas estrangeiros, que desejam dar á Escola a gloria da sua intervenção n'esta bella e utilissima obra.

É portanto o mais auspicioso possivel o futuro d'esta instituição artistica e é de crêr que o nosso publico se vá convencendo de que não é só um prazer acompanhar os trabalhos e os progressos de certas iniciativas d'arte. Quando um punhado d'homens se occupa, como estes, de uma missão altamente civilisadora e absolutamente altruista, sem sombra de fomento official, chega a ser uma satisfação civica patrocinar um emprehendimento que só pode viver e progredir com o appoio e a protecção de todos.

*

O programma do 1.^o concerto, que terá logar no Salão do Conservatorio, em 10 de Dezembro compor-se-ha das seguintes obras:

SCHUBERT — op. 125 — N.^o 1 — Quarteto.
para instrumentos de corda
 GOUVY — op. 71 — Octeto (1.^a audição)
para instrumentos de sopro
 SCHUBERT — Op. 114 — Quinteto da truta
para piano e instr.^{os} de corda

São executantes os seguintes amadores e artistas:

Violinos — Francisco Benetó e Miguel Ferreira.

Violeta — Antonio Lamas.

Violoncello — D. Luiz da Cunha Menezes.

Contrabaixo — João E. Cunha e Silva.

Flauta — José H. dos Santos.

Oboé — Arthur da Fonseca.

Clarinetes — Severo da Silva e Pedro Antonio de Barros.

Trompas — Manoel Tavares e Antonio Baptista.

Fagotes — João Manuel Gonçalves e Augusto de M. Cabral.

Piano — Michel'angelo Lambertini.

*

Para esclarecimento dos nossos leitores, transcrevemos do relatorio annual da Escola, as condições para o ingresso nos concertos:

I — A epoca é de oito concertos annuaes.

II — O subscriptor póde inscrever-se em qualquer data, pagando no acto da inscripção a quantia de 4.000 réis e dois

mezes depois o que falta para liquidar as quotas referentes á totalidade da epocha, á razão de 1\$000 réis cada mez.

III — Poderá facultar-se ao subscriptor o pagamento mensal de 1\$000 réis, como até aqui estava estabelecido, sempre que a inscripção se effectue antes de realisado o primeiro concerto da epocha.

IV — O subscriptor tem direito a receber tres bilhetes para cada concerto, sendo-lhe esses entregues na occasião de satisfazer as respectivas quotas, por qualquer das formas acima indicadas.

Os bilhetes dão indistinctamente logar a senhora ou cavalheiro.

V — A marcação dos logares pode effectuar-se á razão de 100 réis cada logar.

Todas as informações se prestam na séde provisoria da Escola — Praça dos Restauradores, 44 — Lisboa.



CARTA DE ALCOBAÇA

... Sr. Lambertini

A' sua delicada e generosa acquiescencia ao pedido da publicação da minha carta de 21 d'outubro passado, na *Arte Musical*, devo eu a ventura de ler uma apreciavel chronica portuense do illustre Ernesto Maia, chronica tão delicada como espirituosa e que não só contem palavras de louvor não merecido, mas o que é mais: verdadeiros incitamentos á continuação da ardua tarefa que nos impuzémos, eu e os amadores que tenho a felicidade de reger.

A carta a que me refiro, do intelligente chronista portuense d'este jornal, contem materia tão sympathica ao meu espirito, que não posso, ainda que o deseje, faltar a mais uma vez importunar o meu excellento amigo e massar os poucos leitores d'estas desalinhadas linhas.

Como disse na minha carta de 21 d'outubro passado, é gratissimo ao meu espirito o preoccupar-me com todos os assumptos que prendem com a mais bella das artes: a musica. A ella dedico então todas as minhas faculdades, e até mesmo aquellas que não possuo: os conhecimentos litterarios, inferioridade que me obriga a grandes esforços mentaes, para exprimir o que penso, o que nem sempre consigo, como aconteceu n'um periodo da minha carta, a que não medi o alcance, muito embora para os casos d'esta ordem eu me salvasse em todos os meus

escriptos, expondo a minha insufficiencia litteraria, como aliás fiz no começo da minha carta, admittindo a hypothese (que se deu) da resposta do espirituoso chronista. E' o caso, que o ex.^{mo} artista não poudo ser superior á ironia que elle em mim reconheceu e que eu confesso que tive, não poupando um verdadeiro erro de exposição, que aproveitou, bordando ironicamente sobre elle, um gracioso periodo: *a desafinação rigorosamente feita*. A ironica observação do meu distincto ripostante, não teve grande razão de ser, não só porque eu anticipadamente me havia imposto á sua comiseración litteraria, já porque era facil conhecer que havia defficiencia na exposição do pensamento, porque na verdade a ninguem póde occorrer o *rigorizar* uma desafinação. A afinação póde fazer-se a rigor, a desafinação porem, nunca, como aliás todas as coisas abstractas, quero dizer: que não obedecem a limites de ordem alguma. De resto, a rectificação estava já feita quando se publicou a delicada resposta do sr. Maia, pois que na transcripção que da *Arte* fez a *Semana Alcobacense* de 10 do corrente, foi o periodo emendado: *sendo a afinação rigorosamente feita*. Pois bem, apesar dos sacrificios intellectuaes que tenho de fazer para demonstrar o meu amor pela musica, não me eximo á repetição do facto, sempre que me pareça que algo interessará a arte, com os meus fraquissimos argumentos.

A chronica do sr. Maia, tem para mim o alto valor d'uma honra a que não estou acostumado, isso lhe duplica o interesse, pois que não sendo a primeira vez que estas suaves luctas da arte me chamaram a campo, nunca obtive a mais leve resposta ás minhas considerações, nem mesmo de aquelles a quem eu quasi directamente reptava, como aconteceu em agosto de 1892, no celebre concurso de bandas, em Badajoz, onde o meu chorado mestre e amigo Manoel Augusto Gaspar, foi abandonado e quasi lançado ás feras pela imprensa de Lisboa, que na banda da Guarda Municipal só via a municipal do *peixe espada*, e não os mais bellos cultores da sublime arte. As minhas duas longas cartas do *Seculo*, não deram mais que uma excellento carta na *Voç Publica*, do meu amigo Pereira Vianna, artista portuense de reconhecido merito, e ao tempo regente da banda do Palacio de Crystal, que assistiu comigo ás celebres audições do referido concurso.

A minha primeira carta, não foi escripta com a intenção de levantar asserções que me parecessem dirigidas a mim ou á orchestra alcobacense, mas sim e unicamente com o fim de estabelecer a verdade dos factos

que se davam, e que occasionaram a apreciação um tanto vaga de depressão para os amadores que tanto se empenham em subir o aspero calvario que tanto nos aproxima de Deus e nos afasta dos homens, como o sr. Maia tão judiciosamente diz.

Esta minha carta dá-me ensejo que eu aproveito, para fallar da minha orchestra e ainda de Alcobaça, não por qualquer principio egoista, mas sim porque sou dos que dão grande valor áquelles que como os meus regidos, teem a coragem de no tempo presente preferirem a sala d'ensaio ás distracções em que a sociedade d'hoje tanto se absorve. Os elementos que compõem a orchestra alcobacense, são bastante heterogeneos, visto que ha entre illustres medicos e distinctos engenheiros, empregados publicos de cathogoria superior, proprietarios, artistas e operarios. Pois d'esta promiscuidade de classes, nasce, meu bom amigo, a mais homogenea fórma de pensar com relação á divina arte. A sociabilidade d'esta ordem traz sempre um benefico progresso, pois que ao passo que depura as qualidades filhas d'um meio inferior, acrisola as virtudes das classes superiores, já estimulando os rudés á pratica de bons costumes, já finalmente estendendo mão protectora em todos os actos da vida, áquelles que por ventura venham a necessitar d'ella. O convívio n'estas condições, faz a meu ver: os maus, bons, e os bons, optimos. Repito: não é o egoismo que me faz lançar na discussão por que não posso fallar dos meus amadores sem fallar em mim, mas sim pelo desejo que tenho de patentear quanto são dignos de applauso e louvor. E prova a minha affirmativa, o desinteresse com que tomei a defeza dos grandes artistas e do maior regente que conheci, no concurso de Badajoz, pois que a elles me não ligava o mais leve interesse material ou moral, e só a revolta que em mim se operou, por ver tão depreciados tão brilhantes meritos, e por me não soffrer o animo calar o que sentia.

As palavras d'incitamento do sr. Maia, vieram cahir sobre nós como balsamo affirmador de futuros commettimentos, e ainda talvez, quem sabe: reparador d'algumas lacunas que se dão, por affastamento de pessoas cujos conhecimentos musicos, mais elevariam o nivel artistico d'Alcobaça, que digamos em abono de todas as verdades, notavelmente resgata estas pequenas faltas, com a sustentação d'uma orchestra que com relativa facilidade, acompanha em trechos da *Carmen* e *Cavalleria Rusticana* a notabilissima artista lyrica Adelina Colombini, como succedeu n'um sarau realisado ha dias, no seu elegante theatro, em beneficio d'um

hospital para doentes de molestias infecciosas; festa d'um altruismo como Alcobaça sabe usar, e em que tomou parte ainda a Real Fanfarra Alcobacense, corporação com que Alcobaça se ufana e que ha 9 annos faz parte integrante da sua existencia, e cuja distincção se nota em todos os actos a que concorre. Alcobaça possui ainda uma banda de artistas, e um magnifico club, onde a par das distracções peculiares a estas agremiações, proporciona aos seus associados, a leitura d'uma bibliotheca que contem mais de 2:000 volumes, e que promove nas suas salas, durante o inverno magnificas *soirées* musicas e litterarias, muito concorridas e abrilhantadas por um bello sexteto em que gentis e amaveis senhoras tocam piano. Citarei que no ultimo inverno ali foram executadas pelo sexteto, obras do valor da *Fantasia Morisca*, de Chapi e *Tutti in maschera* de Pedrotti.

Creio que todos estes factos dão direito a considerar Alcobaça, de que sou filho pelo coração, que não por nascimento, n'um grau muito elevado de illustração musical, comparado com outras terras de mais recursos materiaes. Todas aquellas considerações me são suggeridas pelas palavras animadoras e cheias de muita justiça para os meus amadores, que o sr. Maia teve a delicadeza de nos endereçar na sua chronica, e ainda pelo desejo de que esta formosa terra, seja visitada por todos aquelles que como o sr. Maia e meu grande amigo o sr. Lambertini, se interessam por manifestações artisticas, que em Alcobaça teem um logar primacial.

Plenamente d'accordo com as espirituosas palavras do sr. Maia: *quem é que nunca desafinou?* Mas em desaccordo no que respeita a criticos musicas, desde que elles possuam o saber e illustração do sr. Maia, accetando como o meu espirito accetia a vaga discripção que da musica em Alcobaça, fazia na chronica que me deu a felicidade de amaveis referencias a mim e aos meus amadores.

Aos incitamentos do sr. Maia e ainda á generosidade do notavel musicographo e meu grande amigo o sr. Lambertini, devo pois a satisfação unica de fallar com justiça de Alcobaça e de seus illustres filhos e habitantes, motivo mais que importante, para me julgar na obrigação de por todas as finezas me subscrever de ambos

o maior admirador

ANTONIO AFFONSO GOMES.

Alcobaça, 21 de novembro de 1902.

GALERIA DOS NOSSOS

Carlos Dubini



Herdeiro e representante das nobilissimas tradições artisticas legadas pelo seu glorioso ascendente do mesmo nome, ainda hoje saudosamente pranteado pela sociedade musical portuense, — Carlos Dubini soube compenetrar-se do muito que lhe impunham essas gloriosas tradições, e quer como professor, quer como concertista de violino, honra a memoria do avô, ao mesmo tempo que illustra e accentua dia a dia o conceito proprio, e grangeia a estima de todos que o conhecem, apreciam e estimam.

Discipulo do saudoso Victor Hussla, completou mais tarde a sua educação no reputado Conservatorio de Leipzig, onde cursou as aulas de violino, com Sitt e Hermann, de piano, com Ruthardt, e de harmonia regida por Salomão Jadassohn.

Do seu aproveitamento sob a direcção abalisada de tão habéis mestres, falla bem alto o excellento conceito que o talentoso discipulo soube conquistar desde que abordou a carreira de professional.

A' sua larga iniciativa musical deve já hoje relevantes serviços a capital do norte do paiz. Além do intelligente e sollicito professorado que Carlos Dubini tão cabalmente exerce por impulso generoso e convicto do seu ardor de proselyto, constituiu, com sua irmã, a distincta e talentosa pianista, D. Armanda Dubini, um nucleo — pleno d'actividade e zelo — pelos concertos de musica de camara, e consequente gosto por este genero de musica, ainda mal divulgado em Portugal até ha bem pouco tempo.

Por todas estas razões cabia-lhe de direito um logar na nossa galeria; e sentimos verdadeiro jubilo ao reconhecer publicamente as suas excelsas faculdades musicas, realçadas pelo character sympathico que lhe conquista tantos amigos quantos admiradores.

COLLINE.

NOTICIARIO

Do paiz

Noticia de sensação para os nossos leitores.

Estão concluidas as negociações para a vinda a Lisboa da Orchestra Colonne, que teremos brevemente a fortuna de ouvir em dois concertos.

Sabemos de boa fonte que estas duas grandes festas d'arte terão logar a 4 e 5 do proximo mez de janeiro, no elegante Theatro D. Amelia.

Acabámos de receber noticias recentissimas da nossa talentosa compatriota D. Guilhermina Suggia, que com o maior prazer vamos communicar aos nossos leitores.

Para solemnizar o honroso convite, que a eximia violoncellista recebera para tomar parte no 19.º concerto do Gewandhaus, em 26 de Fevereiro proximo, com o costumado ensaio publico, na vespera, o professor Julius Klengel organisou na noute de 9 do corrente uma festa em honra da sua illustre discipula!

Esta festa, em tudo esplendida, realisouse com o concurso do notavel quarteto de musica de camara do Gewandhaus, composto dos professores Felix Berber, Erhard Heyde, Alexander Sebald e Julius Klengel.

A salla profusamente engalanada com flores e adornos festivos offerencia ainda a surpresa do retrato de Guilhermina Suggia, pintado expressamente pela esposa de Klengel, a com a legenda «Vive la grande artiste!»

Quando a nossa compatriota deu entrada foi recebida com applausos que se prolongaram cerca de cinco minutos, e apenas terminados que foram o professor Klengel proferiu um discurso enaltecendo prodigamente o merito e elevadas faculdades artisticas de D. Guilhermina!

A seguir o quarteto de Gewandhaus tocou o quatuor de Beethoven (op. 130), e o de Novacek, (op. 10) e varias peças a solo pelos diversos quartetistas que o compõem,

Depois coube a vez á illustre festejada de se produzir, sendo applaudida com o mais delirante entusiasmo, e forçada a bisar quasi todos os numeros que escolhera.

No auditorio, todo selectissimo, achavam-se sete violoncellistas, e entre estes dois russos de S. Petersburgo. Um dos russos, entusiasmado, exclamou: Já tenho ouvido fallar dos talentos portuguezes, e vejo agora

que para que se tocar d'este modo e com tal sentimento é preciso ser-se portuguez!

Palavras bem amaveis para a distinctissima artista, e para o paiz que se ufana de lhe haver sido berço.

Ha apenas um anno que D. Guilhermina Suggia chegou a Leipzig. (23 de Novembro), e não haverá exemplo de tão grande aproveitamento em tão curto periodo de tempo. Seguimos com ansioso anhelos os progressos d'esta já hoje, genuina e indiscutivel gloria nacional!

Do Estrangeiro

Da *Chronique des Arts* e de uma correspondencia de Leipzig que nos é obsequiosamente enviada por um dilecto amigo, extractamos as seguintes noticias com o fim de termos os nossos leitores em dia com o movimento musical estrangeiro:

A 2.^a symphonia de Schumann, que teve uma interpretação excepcionalmente bella pela orchestra de Chevillard, não modifica as impressões que me deixou a 1.^a executada ha 15 dias na mesma sala. O sentimento da obra de Schumann é sublime; mas para preencher o vasto espaço d'uma symphonia sem alterar a unidade entre as ideias fundamentaes e a sua fórma, o lyrismo d'expressão é insufficiente, exgota-se para desenvolver a exposição das idéas, sem que esse desdobramento atinja o fim desejado. E menos ainda o consegue, quando abdicando da sua individualidade, vae buscar a outros symphonistas, como por exemplo a Mendelssohn, os seus processos, os seus systemas, e até a fórma de phraser.

Infelizmente succede que Schumann commette frequentemente esse erro. Sem duvida alguma a sua musica conserva o espirito e o caracter da Arte do mestre; mas são as fórmas, a disposição geral e a instrumentação que prejudicam os seus bellos *motivos*, tornando-os pesados, vulgares e quasi desfigurando-os. Despidos da sua fórma symphonica e condensados, alguns trechos das suas symphonias constituiriam primorosos trechos de musica de camara.

Em primeira audição figurava tambem no programma d'este concerto o preludio de *L'après-midi d'un faune* de Claude Debussy. É pela sua facultade de constituir um conjuncto logico, sempre dominado pela mesma fantasia inspiradora, que se impõe o talento d'este moderno compositor. N'elle a fórma é sempre uma resultante harmonica da idéa, sem preconceitos de tradição, e sem a estructura procurada em meios convencionaes. Quer diser que é perfeitamente expontanea e a essa circums-

tancia se deve attribuir o exito das suas obras apresentadas ainda na época passada por Colonne a um publico muito escolhido.

A nova Sociedade Philharmonica de Paris, que inicia agora o 2.^o anno do sua existencia, debutou em 4 de novembro por um concerto bem notavel. Esta sociedade propõe-se viver com o apoio dos melhores artistas da Europa, que serão successivamente convidados para dirigir as suas muito cuidadas audições.

Na época presente está assegurado desde já o concurso de Joachim, Hermann, Risler, Chevillard, Richard Strauss, Busoni; é escusado encarecer a garantia artistica d'estes nomes.

No primeiro concerto apresentou-se o famoso quarteto Rosé de Vienna d'Austria, com o mais serio programma com que póde apresentar-se uma sociedade de Musica de Camara: um quarteto de Haydn, outro de Mozart e um dos mais avançados dos quartetos de Beethoven. Paul Dukas insiste particularmente na execução do quarteto de Mozart, cujo adagio impregnado d'um forte lyrismo, foi interpretado com todo o espirito e graça propria d'este grande mestre, e acrescenta que «o quatuor austriaco não o executa *en prenant un ton vieillot*, erro que commettent muitos executantes que se julgam obrigados a serem muito enfadonhos quando interpretam os antigos mestres».

Não deixa de ter particular interesse esta opinião d'um musico e critico distincto, como symptoma de uma forte orientação sobre a fórma de executar os classicos antigos, modernizando-lhe os meios de interpretação.

O quarteto Rosé possui uma homogeneidade de timbre, uma cohesão de rythmo, e unanimidade d'expressão que provocaram a admiração e os maiores applausos do publico parisiense, crescendo que a execução dos tres celebres quartetos escolhidos para a sua apresentação evidenciou uma accommodação perfeita ao estylo caracteristico de cada um dos auctores.

Foi mais um dia em que triumpharam os nomes immortaes de Haydn, Mozart e do divino Beethoven.

O programma do concerto de 13 no Gewandhaus, sob a direcção de A. Nikisch compunha-se dos seguintes numeros:

Brahms—Symphonia n.^o 4 (mi menor).

E. d'Albert—Concerto para Violoncello com acompanhamento de orchestra. (Violoncellista *A. Hecking*).

a) Recitativo-aria de Antigone de «Oedipe à Colonne»—b) *Schumann Mignon*—c) *Schumann Fée de la mer*—d) *Brahms Sur le navire*—e) *Gretry* Aria de «Deux avarés»—f) *Durante* Dama fanciulla. (Para canto por Mademoiselle Marcelle Pregy).

a) *Bach* Aria—b) *Schumann* Reverie.—c) *Popper* Arlequin. (Para violoncello e piano por A. Hecking e A. Nikisch).

A. *Dvorak* Carnaval. Overture.

A. *Reverie* de Schumann foi executada por Hecking por uma fórmula tão excepcionalmente bella que o artista foi obrigado a bisal-a, caso raro nos concertos do Gewandhaus.



No concerto dirigido por Eduardo Colonne de 9 de Novembro executou-se integralmente a maravilhosa symphonia (nona) de Beethoven, para solos còros e orchestra.

Na execução verdadeiramente digna do extremo valor da obra distinguuiu-se notoriamente entre os solistas o baixo Paulo Daraux, possuidor de voz esplendida de força, expressão e gravidade, e as massas coraes, consideravelmente reforçadas.



Prosegue na sua marcha ascendente de successos e triumphos o celebre pianista francez Raoul Pugno na *tournee* que actualmente realisa na America. Em Nova-York fez furor, e deve ainda realisar mais cinco concertos n'aquella cidade, afora os que estavam destinados para a capital americana.



Sarah Bernhardt na sua recente *tournee* pela Allemanha representou em Berlim no theatro da Opera a *Phèdre* de Racine com a musica scenica composta expressamente por Massenet para a *reprise* da famosa tragedia na *Comedie Française*. A orchestra era dirigida por Eduardo Colonne, e o successo alcançado pela obra e seus interpretes parece haver sido extraordinario.



O *Real* de Madrid vae abrir as suas portas com uma companhia lyrica numerosa e bem organizada, tendo por *capo-direttore* a Leopoldo Mugnone.

O repertorio é constituído das operas *Puritinos* e *Somnambula*, (Bellini); *Elixir*, *Favorita*, *Lucia* e *Lucrecia*, (Donizetti); *Barbeiro* e *Guilherme Tell* (Rossini); *Huguenotes*, *Propheta*, *Roberto* (Meyerbeer); *Gioconda* (Ponchielli); *Bohème* (Puccini), e *Aida*, *Baile de mascaras*, *Força do destino*, *Hernani*, *Macbeth*, *Traviata* e *Trovador*, (Verdi). Falla-se tambem em *Orphéo* (Gluck) *Bodas de Figaro* (Mozart) e *Lohengrin* (Wa-

gner), mas o fundo da lista continua a ser absolutamente italiano.



Sarasate e Madame Bertha Marx Goldschmidt com o seu empresario Otto Goldschmidt partem para um novo gyro de sessenta concertos em Suissa, Allemanha, Austria e Russia. Na primavera de 1903 devem achar-se novamente em Paris onde devem fazer-se ouvir n'alguns concertos d'aquella capital.



BIBLIOGRAPHIA

Já estava composta para o numero anterior a presente apreciação, que por absoluta falta de espaço teve de ser retirada á ultima hora.

N'um paiz como o nosso, em que raramente se pega na penna para discretear sobre assumptos musicaes, o apparecimento quasi simultaneo de tres trabalhos de litteratura musical, de generos differentes, mas todos eminentemente interessantes, é caso para nos felicitar-mos e para começarmos a crêr n'um benefico resurgimento, ou antes n'uma evolução que se começa lentamente a manifestar e que pode muito bem ser um salutar prenuncio de epocas mais felizes para a nossa Arte.

Pondo de parte o folheto de Michel'angelo Lambertini sobre o folklore portuguez, que motivos de natural melindre nos impedem de analysar aqui, cumpre-nos registrar n'esta secção o apparecimento de dois voluminhos, qual d'elles o mais interessante: um da senhora Condessa de Proença-a-Velha com o titulo de *Os nossos concertos* (impresões de arte) e outro do conselheiro Francisco da Fonseca Benevides sobre o Real Theatro de S. Carlos, fazendo continuação com o subtitulo de *Memorias* (1893-1902) á magnifica monographia publicada ha annos acerca do mesmo theatro.

O livrinho da senhora Condessa, em que a illustre amadora compendia os seus empreendimentos artisticos, a partir da primeira audição do *Stabat Mater* de Pergolesi em abril de 1899, é um precioso repositorio do mais alto valôr como incitamento e como propaganda.

Os capitulos historicos e analyticos, reproduzidos na sua maior parte dos programmas de concertos a que a mesma senhora presidiu, são lições de grande alcance e definem claramente a orientação que tem guiado a distincta amadora em iniciativas, que

nunca nos cançaremos de applaudir e louvar.

E' tambem interessante a correspondencia transcripta no livro, merecendo menção especial a reprodução autographica das cartas de Massenet, que são uma merecidissima homenagem á auctora do livro.

Em resumo, *Os nossos concertos* é uma pequena obra d'indiscutivel merecimento, que a sua auctora não quiz confiar ao commercio e que será portanto em breve uma verdadeira raridade bibliographica.

O outro trabalho que temos sobre a mesa é, como dissemos, o 2.º volume de *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*, abrangendo o periodo dos ultimos vinte annos.

Quem tenha manuseado o primeiro volume, quem o tenha consultado innumeravezes, como a nós succedeu, póde avaliar a importancia que tem para a historia artistica do nosso paiz o desenvolvido trabalho do sr. Benevides, que é indiscutivelmente uma obra unica no seu genero não só aqui como em muitos outros paizes, do estrangeiro.

O segundo volume mantem-se absolutamente na mesma linha do primeiro:—a mesma exposição clara e methodica, a mesma minuciosidade nos promenores, a mesma redacção facil e correntia, a mesma *verve* nos commentarios. E para realçar ainda o valór da sua obra, não hesita o auctor de onde em onde em desprender-se do objectivo restricto do seu trabalho, para historiar a arte portugueza na sua generalidade e desenhar com lapis de mestre as evoluções varias porque a nossa musica tem passado.

Sentindo não nos permittirem as exigencias de espaço um detalhado exame d'esta bella obra e porventura a transcripção de algum fragmento que seria do maior interesse para os nossos leitores, fazemos votos para que d'aqui a outros 20 annos venha um 3.º volume provar nos que o erudito escriptor conserva illesas todas as suas brilhantes qualidades de homem de letras e de intelligente amator—desejando tambem, se não é pedir muito, que sejamos nós mesmo quem lhe accusemos a recepção.

Ao sr. Benevides e á sr.ª Condessa de Proença endereçamos aqui os nossos melhores agradecimentos pelos exemplares especiaes que se dignaram offerecer-nos.

*

Recebemos e muito agradecemos da importante casa de Paris—Pleyel Wolff Lyon & C.ª um volume: *La Musique de chambre*, oitavo catalogo de todas as sessões de musica de camara, realisadas no salão Pleyel

durante os annos de 1900-1902. É uma publicação curiosissima para quantos se interessam no movimento musical.

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações da especialidade:

Cronache Musicali e Dramatiche.—*Summario do n.º 27*: La Musica Francese nel Rinascimento—Lettere parigini—Prime rappresentazione—Riviste delle riviste—Piccole note—Cronaca Italiana—Cronaca estera—Noticiario.

Deutsche Instrumentenbau Zeitung.—*Summario do n.º 4*: Schutzvorrichtungen in der Holzindustrie—Bechstein-flügel nach einam entwurf von Otto Eckmann—Patentamtliches—Handel-und-verkehr—Rohmaterialien—Personal-und Geschäfts-Nachrichten—Vermischtes.

Gazetta Musicale di Milano.—*Summario do n.º 45*: Fisiologia della musica—Rivista Milanese—Alla Rinfusa—Il di dei Morti alla Casa di Riposo per Musicisti—*Tosca* al Teatro Reale di Dresda—Concerti—*Iris* a Nuova-York—Prolusione ad un corso di psicologia musicale—Bibliographia.

Summario do n.º 46: Sottoscrizione per un monumento a Giuseppe Verdi da erigersi in Milano—Casa di Riposo per Musicisti—Ai nostri Abonati presenti e futuri—A proposito della *Germania*—Rivista Milanese—Alla rinfusa—Concerti—*Germania* al Comunale di Bologna.

Summario do n.º 47: Sottoscrizione per un monumento a Verdi—Mode e costumi—Rivista milanese—Il nuovo caso Mascagni—Alla rinfusa—Bibliographia.

Menestrel.—*Summario do n.º 46*: Journal de Modeste Simple—Semaine Theatrale—Testament de Viotti—Revue des Grands concerts—Nouvelles, etc.

Monde Musical.—*Summario do n.º 21*: Le Theatre gratuit—Visite aux morts—L'obtureur—La Musique en Russie—Une representation de D. Juan jugée par Wagner—Concerts—Theatre, etc.

Montly Musical Record.—*Summario do n.º 383*: The German Handel Society's Edition of the Messiah—The Sheffield and Cardiff Triennial Musical Festivals—Mr. Herbert Spencer and the origin of Music—Musical Events in Paris—A note on Russian Music, etc.

La Musica Illustrada.—*Summario do n.º 70*.—Artistas del Teatro Real—Curso academico—Crónica barcelonesa—Desde Paris—De Berlin—Genero chico—Revista de Teatros—La temporada del Real—Conferencias musicales—Ateneo de Madrid—Constancia Rives—De Barcellona, etc.

Revista Musical.—*Summario do n.º 11*:

Artista e amador—A musica—Rachel—Conservatorio Real de Lisboa.

Summario do n.º 12: Carlos Gomes—Artista e amador—Weber—Conservatorio Real de Lisboa—Casals e Bauer—Chronica Portuense.

Revue Musicale.—*Summario do n.º 10:* Souvenirs inedits de Chopin—A l'Opera—Musique moderne—Beethoveniana—Un precursor de Gluck—L'opinion d'un franais sur la musique italienne au XVII sicle Esthetique musicale—Exercices d'Analyse—Quelques notes sur la harpe chromatique sans pedales, systme Gustave Lyon—Lectures musicales.

Rivista Musicale Italiana.—*Summario do n.º 4 (anno IX):* La Musique Scandinave au XIX sicle—Laura Guidiccioni Lucchesini ed Emilio de Cavalieri—I primi tentativi del melodramma—Le centenaire d'un compositeur suisse clbre: Louis Niedermeyer—La jeunesse de Rameau—L'educazione del musicista italiano—La questione Mascagni Liceo di Pesaro dal punto di vista giuridico—Recensioni, etc.

Romania Musicala.—*Summario do n.º 18*—Societatea lirica Romana—Cronica teatrala—Serbarile jubileului Societatii «Bukarester Deutsche Liedertafel» Le Laboureur—Un apel—Sciri Scurte.

The Violin Times.—*Summario do n.º 109.*—Current Events and concert notes—Provincial—Observations—H. M. The King and Kubelik—Practical suggestions for the study of the violin—Miss Catherine Murray—Music reviews—A Dusty Violin—Mendelssohn's Advise to Joachim—Violins and Violin Collecting.

Zeitschrift fur Instrumentenbau.—*Summario do n.º 5:* Verein Deutscher Harmonium-Fabrikanten—Vermischtes—Orgelbau—Nachrichten.

Recebemos mais:

Boletim Photographico.—N.º 33. Directores: Worm & Rosa.

Gil Braz.—N.º 75. Director: Joaquim Vieira Junior.

O Occidente.—N.º 859. Director: Caetano Alberto da Silva.

Sociedade Futura.—N.ºs 12 e 13. Directora: D. Maria Olga Moraes Sarmiento da Silveira.

Tiro Civil.—N.ºs 246 e 247. Director: Anselmo de Sousa.

Tradio.—N.º 7 (anno IV). Revista mensal de Ethnographia portugueza.

E os jornaes:

Correio Nacional, Dia, Echos da Avenida, A Folha, Primeiro de Janeiro, Semana Alcobacense e Vanguarda.

NECROLOGIA

Na sua vivenda de Passy, que elle particularmente estimava, acaba de fallecer com 69 annos o famoso constructor de pianos e instrumentos, Jeronymo Thibouville-Lamy, cuja reputao estava de ha muito universalmente estabelecida.

Nascido em 1833 e filho de Luiz Thibouville, fabricante d'instrumentos em Couture, associou-se primeiramente a Husson e Buthod, outros fabricantes em Mirecourt, que haviam desenvolvido o fabrico e commercio de venda dos seus instrumentos. Desde 1866 que era unico proprietario das tres grandes manufacturas de Paris, Couture e Mirecourt, que giravam sob o seu nome e a sua impulso deveram ellas a fama e conceito de que gozam, para o que muito concorreu a introduco dos processos mecanicos na fabricao do violino.

Homem de profunda intelligencia, de saber e competencia indiscutiveis, Thibouville prestou relevantes servios a corporao dos seus collegas fabricantes. De 1873 a 1894 exerceu grandemente a sua actividade em todas as exposioes realizadas. Nomeado em 1899 presidente da Camara syndica dos instrumentos de musica, prestou o seu efficaz e sollicito concurso a todas as manifestaoes industriaes da sua especialidade.

Emquanto as foras o no trahiram prestou sempre, e sem jmais se esquivar, o concurso da sua vontade e experiencia a quantos comites, sociedades e commissoes lh'o sollicitaram. A sua morte deixa uma grande lacuna que difficilmente ser preenchida.

EXPEDIENTE

Por absoluta falta de espao, vemos-nos obrigados, bem a nosso pezar, a desistir n'este numero da publicao da elegante chronica do Porto, firmada pelo nosso illustre collaborador Ernesto Maia e de um artigo litterario do nosso presado amigo sr. Alfredo Pinto Sacavem, bem como de muitas noticias tanto do paiz como do estrangeiro.

O amavel leitor e os illustres articulistas que nos excusem essas involuntarias faltas.